

Veja  
17/19/17 9a11  
04

Entrevista: Edward Wilson

# Sócios na aventura

**O cientista diz que é preciso preservar as outras espécies porque se elas desaparecerem a vida humana estará em perigo**

Eurípedes Alcântara

O biólogo americano Edward Wilson olha com tristeza as florestas tropicais. Pelos seus cálculos, a cada ano uma área de selva do tamanho da Grécia desaparece, cortada ou queimada. “É catastrófico”, diz. “É como se eu fosse um astrônomo e as estrelas simplesmente desaparecessem no instante em que meu telescópio fizesse foco sobre elas.” Aos 68 anos, criador da sociobiologia, ciência que estuda a influência dos genes sobre o comportamento humano, Wilson foi apontado pela revista *Time* como um dos 25 americanos mais influentes da atualidade. Duas vezes agraciado com o Prêmio Pulitzer por seus livros (*Diversidade da Vida e Naturalista*, uma formidável autobiografia), é organizador do volume *Biodiversidade*, de 1988, uma coletânea de textos científicos sobre a extinção das espécies lançada há pouco no Brasil. “Entro na Amazônia brasileira com a reverência que merece uma catedral”, diz Wilson. No seu escritório na Universidade Harvard, ele concedeu a VEJA a seguinte entrevista:

**Veja** — Não é exagerada a importância que se dá à morte de um macaco tão feio quanto raro, ao sumiço de uma planta desconhecida ou à extinção de uma subespécie de besouro?

**Wilson** — Acho admirável que as pessoas não tenham perdido o senso prático da vida. Quando digo que sou

mirmecologista, um especialista em formigas, a pergunta que mais me faz é sobre como se livrar de uma infestação de insetos na cozinha ou no jardim. Respondo que o melhor a fazer é jogar aos insetos umas boas migalhas de bolo todos os dias e, se possível, uns pedacinhos de atum. Ou seja, tentar conviver com eles da maneira mais civilizada possível. As pessoas levam um tremendo susto, mas essa é a minha maneira de enfatizar o que acho correto fazer, em termos globais. É preciso deixar os demais seres vivos seguir o rumo deles. Obviamente, falo aquilo só para chocar meus interlocutores, pois, quando as formigas atacam minha cozinha, eu e minha mulher nos livramos delas como qualquer um faria. De modo geral, a idéia de preservar a natureza está bem estabelecida na opinião pública dos países ocidentais. O que falta, muitas vezes, é a fundamentação científica para saber as razões pelas quais não se deve deixar as espécies de animais e plantas desapare-

cer sem que tenham sido antes estudadas e catalogadas.

**Veja** — E que razões são essas?

**Wilson** — A vida humana depende dos demais seres vivos para se manter neste planeta. Somos apenas um elo da cadeia biológica. Não podemos viver isolados do resto dos animais e dos vegetais. Esse conceito, nem sempre foi bem compreendido. Por milênios o homem viveu em franco combate com a natureza e só sobreviveu porque derrotou os perigos do mundo natural. Foi preciso que o advento das sociedades industriais e das formas globais de destruição da natureza nos despertasse para a necessidade de conservar o meio ambiente. Não é apenas a razão que nos alerta para a importância de preservar a natureza. Ao longo da nossa existência no planeta, foi-se firmando em nossos genes o que chamo de biofilia, uma predisposição hereditária da espécie humana para a convivência pacífica com



RICK FRIEDMAN/BLACK STAR

veja  
17/9/97 cont.

os demais seres vivos. Nosso lado animal não é necessariamente selvagem e predatório. O ser humano produziu e produz grandes catástrofes e extinções de vida em massa na Terra. Lá dentro, no nosso íntimo, porém, algo nos diz que isso é um erro, que estamos jogando contra nosso patrimônio comum. Sou um pouco otimista e acredito que, no futuro, a biofilia vai prevalecer sobre outro poderosíssimo instinto ancestral do homem, a agressão.

**Veja** — *Qual desses instintos é predominante na natureza humana?*

**Wilson** — Tanto a biofilia quanto a agressão são apenas predisposições. Fatores sociais e econômicos determinam quando uma ou outra triunfa na História humana. Acredito que, atualmente, a biofilia esteja começando a se tornar dominante, embora ainda estejamos sob o impacto das formidáveis agressões que desencadeamos contra as cadeias de vida do planeta. Apesar da enorme difusão do sentimento ecológico, em muitos pontos as matas tropicais estão sendo danificadas de forma tão indecente que mesmo as mais modernas tecnologias de reflorestamento não poderão trazê-las de volta à vida. Dezenas de milhares de animais e plantas são extintos sem que tenhamos a chance de amá-los e estudá-los. E sem saber se eles contêm ou produzem substâncias que poderiam, potencialmente, minorar os sofrimentos humanos. Muitos dos meus críticos argumentam que essas formas de vida desapareceriam naturalmente, dando chance a que outros bichos e plantas surjam, pela própria dinâmica da luta pela sobrevivência no mundo natural. Estão errados. O fato de estarem sendo destruídas pela ação humana não é apenas filosófico. A civilização acelerou em cerca de 1 000 a 10 000 vezes o ritmo de destruição das espécies. Matamos espécies numa velocidade muito maior do que elas podem ser criadas naturalmente. Gastamos o patrimônio natural sem que ele possa ser repostado com a mesma intensidade.

**Veja** — *Num cenário assim, por que o senhor se diz otimista?*

**Wilson** — Acho que estamos numa corrida. Precisamos acelerar nosso lado estudioso e conservacionista e conter nosso lado destruidor. Meu otimismo se prende unicamente ao fato de que isso pode efetivamente acontecer. Não acredito que existam mais de

**“Estamos numa corrida. Devemos acelerar nosso lado estudioso e conservacionista e conter nosso lado destruidor. Conhecer uma espécie é o primeiro passo para conservá-la. Sou otimista. Acho que isso pode acontecer”**

1 500 pesquisadores no mundo capazes de estudar e descrever com perfeição uma nova espécie animal ou vegetal das matas tropicais. Temos de aumentar esse exército de estudiosos. Se conseguirmos colocar em campo 25 000 cientistas, trabalhando ao ritmo cauteloso de dez espécies por ano, teremos, ao cabo de quarenta anos, 10 milhões de novas espécies catalogadas. Ainda seria pouco, mas já representaria um avanço formidável. Conhecer uma espécie é o primeiro passo para sua conservação. Alguém já disse que só conservamos o que amamos e só amamos o que conhecemos e, finalmente, só conhecemos aquilo que nos é ensinado.

**Veja** — *A Amazônia brasileira abriga cerca de 20 milhões de pessoas, quase 13% da população do país. Como será possível conservar a floresta com tanta gente precisando viver dela?*

**Wilson** — Já foi o tempo em que os estrangeiros tinham soluções pron-

tas para a Amazônia. Não tenho uma resposta completa para essa questão. Mas, em princípio, esse número não me assusta. A Amazônia, como as demais áreas de cobertura tropical do mundo, pode e deve ser explorada sem muito dano ao meio ambiente. O exemplo mais entusiasmador de exploração racional da floresta tropical está na Indonésia. Lá, a mata só pode ser economicamente utilizada depois de mapeada, polegada por polegada, num processo metuciloso em que cada árvore de valor científico e ambiental é identificada. A atividade madeireira só pode ser exercida nas bordas da cobertura vegetal, de modo que não haja um impacto imediato muito grande e, a longo prazo, a mata possa se recompor naturalmente, já que fracassaram quase todos os processos de recomposição artificial das florestas tropicais. O Banco Mundial vem avaliando as melhores experiências de exploração racional dessas florestas. Nenhum governo deve permitir que sua floresta tropical seja ocupada sem antes conhecer esses trabalhos, pois, na maioria das vezes, os danos ecológicos são irreversíveis. As florestas de clima são exuberantes apenas na aparência. Elas, na verdade, formam o que nós chamamos de “desertos úmidos”. É uma vasta e complexa cobertura vegetal fincada num solo arenoso fertilizado apenas por uma delgada capa de material orgânico. Essa capa é mantida por um regime de chuvas acima dos 100 milímetros anuais. Entre todos os ecossistemas do planeta, o deserto úmido é o mais frágil. Ainda não sabemos como reconstruí-lo.

**Veja** — *A animação popular com o tema da ecologia parece ter arrefecido quando comparada ao xiismo do começo da década. O senhor concorda?*

**Wilson** — A onda conservacionista nos meios de comunicação realmente passou. Hoje, com algumas exceções, apenas os grandes desastres ecológicos merecem destaque nos jornais e na televisão. Mas o resíduo que ficou daqueles tempos de militância é muito positivo e, acredito,

17/9/1997  
04  
Cent.

será duradouro. A excitação popular deu lugar a ações muito concretas por parte de empresários e governos. Em quase toda parte do mundo, a atividade econômica passou a ser mediada pelo impacto ecológico. É quase impensável hoje um projeto qualquer ir adiante sem que alguém tenha de esclarecer quais serão os efeitos das obras sobre a natureza. Em locais sensíveis como os Everglades, as grandes áreas inundadas da Flórida, a natureza está hoje muito mais bem-cuidada do que há cinco ou dez anos. Em outros países, especialmente nas nações em desenvolvimento que abrigam florestas tropicais, já existem a tecnologia e os meios de preservar o meio ambiente. Basta que os governos procurem ajuda e encontrarão.

**Veja** — *Que conselho o senhor daria a esses governos?*

**Wilson** — É preciso que os governos não se rendam ao interesse econômico imediato de grupos e pensem a longo prazo. As espécies selvagens formam um gigantesco e inexplorado recurso natural. Atualmente a humanidade não utiliza para sua sobrevivência mais do que 1% das espécies vivas. Não faz o menor sentido econômico deixar que a atividade madeireira destrua inescrupulosamente a Amazônia, arrancando árvores hoje consideradas nobres e matando todo o resto. Nesse "resto", segundo o conceito das madeiras, estão plantas que guardam em seus genes novos e poderosos remédios, fibras e até mesmo combustíveis que podem substituir o petróleo no futuro.

**Veja** — *Será possível algum dia reviver, em laboratório, animais e plantas em extinção por meio de técnica genética e de clonagem?*

**Wilson** — A engenharia genética é uma promessa poderosa, mas nem agora nem no futuro visível poderá substituir a natureza na produção e conservação de formas novas de vida. Quem aposta nisso está cometendo um erro brutal. A clonagem é uma questão acessória nessa área. Ela pode ajudar a reproduzir um animal já conhecido e domesticado, mas nada

pode fazer pelo meio ambiente. Toda a euforia que a clonagem da ovelha escocesa provocou no começo deste ano me pareceu fora de tom. A clonagem nada mais é do que uma maneira aparentemente mais eficiente de produzir gêmeos idênticos. Isso

**“É uma estupidez achar que a vida pode ser copiada pela engenharia genética. Um clone do Saddam Hussein pode ser educado na Suíça e tornar-se um grande pianista. Os genes são apenas parte do que chamamos de ser humano”**

já é possível há muito tempo por outros métodos. Do ponto de vista ético, parece-me que clonar um embrião é a mesma coisa que clonar um adulto. O desafio e a suposta transgressão também não me parecem muito diferentes.

**Veja** — *Prevê-se que muita gente talvez queira deixar uma cópia de si mesma ao morrer.*

**Wilson** — É uma estupidez. Em primeiro lugar, o clone é outra pessoa. Um clone pode roubar a namorada e os bens do sujeito que lhe serviu de molde. Pode até matar seu molde. A fabricação de clones não vai popularizar-se, não vai tornar-se procedimento corriqueiro, pois isso não interessa a ninguém. Hoje, as técnicas da medicina permitem aos casais produzir quantos gêmeos idênticos desejarem e nem por isso o número de gente igual no mundo aumentou. De que adianta um ditador, como se chegou a temer, mandar fazer um clone de si mesmo? Um clone de

Saddam Hussein pode ser educado na Suíça e tornar-se um grande pianista. Os genes não são tudo. Genes são apenas parte da entidade que chamamos de ser humano. O que interessa, no fundo, é como a pessoa será criada, que tipo de educação receberá. A maneira como ela foi concebida e o potencial genético que trouxe ao mundo contam muito pouco. É bom pensar na clonagem humana como mais uma tentativa fracassada de ressuscitar a eugenia, o aprimoramento artificial da raça humana que tanto fascínio exerceu nos meios totalitários no passado.

**Veja** — *Interessante ouvir isso justamente do senhor, o criador da sociobiologia, ciência que estuda o poder dos genes sobre o comportamento humano. O senhor está se retratando?*

**Wilson** — De forma alguma. Quando lançamos os fundamentos da sociobiologia, alguns indivíduos apressados propagaram a idéia de que eu estava dizendo que o comportamento humano poderia ser estudado com as mesmas ferramentas com que se estuda o comportamento das formigas ou dos lobos. Foi um exagero que gerou muita polêmica. O que sustento é que certos aspectos da personalidade têm uma base moldada pelo passado animal da pessoa. Como todos os seres vivos, os humanos têm uma história biológica que, de certa forma, condiciona sua maneira de pensar e agir no mundo. Não somos anjos ou ETs, que podem decolar deste planeta a qualquer momento se a coisa ficar preta. A sociobiologia nos enxerga como produtos da Terra. Ela nos ensina a ter mais humildade e tratar com mais respeito os demais seres vivos. Negar o passado animal do ser humano é negar a própria história da vida na Terra. No fundo, o conservacionismo e a sociobiologia se completam admiravelmente. Quando você for esmagar um inseto em sua cozinha ou no jardim de sua casa, pense nele menos como um inimigo e mais como um tripulante da mesma esfera biológica vagando pelo espaço. Nós e as formigas somos sócios na tremenda empreitada de manter a vida no planeta Terra. ■